



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Av. Fernando Ferrari, 514 Vitória – ES – CEP: 29.075-910
Campus de Goiabeiras Tel/Fax: +55 (27) 4009-7657
E-mail: ppghis.ufes@hotmail.com
<http://www.historia.ufes.br>



PAUL EHRENREICH E OS ÍNDIOS BOTOCUDOS DO ESPÍRITO SANTO

JÉSSICA VERISSIMO LOPES PANDOLFI *

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar os índios Botocudos do Espírito Santo sob o olhar de Paul Ehrenreich no final do século XIX bem como analisar a visão de Paul Ehrenreich sobre os índios botocudos do Espírito Santo, dentro do contexto das impressões dos viajantes estrangeiros ao Brasil.¹

Palavras-chave: Índios Botocudos; viajantes estrangeiros; representação.

ABSTRACT

This article aims to analyze the Botocudos the Espírito Snto under the gaze of Paul Ehrenreich in the late nineteenth century and analyze the Paul Ehrenreich's view of the botocudos Indians of the Espírito Santo, within the context of the impressions of foreign travelers to Brazil.

Keywords: Indians Botocudos; foreign travelers; representation.

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História – UFES.

¹ É salutar dizer que a escolha do tema deve-se ao meu projeto de pesquisa de mestrado do curso de Pós-graduação em História da UFES.

No decorrer do século XIX não só o Brasil, mas também o Espírito Santo recebeu a visita de vários viajantes estrangeiros. Muitos foram os que estiveram em terras capixabas e por meio de seus relatos dispomos de fontes preciosas para os dias atuais. Estes produziram narrativas de especial valia para os historiadores do Brasil a respeito do cotidiano no XIX. Escreveram sobre suas vivências e observações em território brasileiro de acordo com suas formações e interesses. Deste modo se condicionou a propagação de “visões do Brasil” em território europeu via publicação das escritas de viagem. O esclarecimento dos interesses envolvidos nas escritas de viagem visa um uso mais consciente destas enquanto fonte histórica.

UM ALEMÃO CHAMADO PAUL EHRENREICH

Paul Max Alexander Ehrenreich nasceu em Berlim em 1855. Doutorou-se em medicina e em filosofia, e foi docente da Universidade de Berlim. Dedicou-se também aos estudos de etnologia e antropologia. Realizou viagens de estudos à Índia, ao Egito, a Tailândia, a Argentina, aos Estados Unidos, ao México e ao Brasil onde esteve por duas vezes entre os anos de 1884 e 1889. Em sua primeira viagem durante os anos de 1884-1885 esteve entre os Botocudos do Rio Doce e na segunda expedição (1887-1888) acompanhou o também viajante estrangeiro e etnólogo Karl von den Steinen² ao alto Xingu e a seguir nos anos de 1888 e 1889 visitou os Karajá do Araguaia, os Paunamarí, Yamamadí e os Ypuriná do Purus.

“Típico representante do interesse europeu pelos indígenas e pela natureza do Brasil, que se ampliou consideravelmente durante o século XIX, com a permissão dado por D.

² Karl von den Steinen, nascido em 7 de março de 1855 e falecido em 4 de novembro de 1929, foi um médico, explorador, etnólogo e antropólogo alemão. Era também pesquisador da Universidade de Berlim e foi o primeiro homem a fazer expedições ao Xingu.

João VI aos estrangeiros de visitarem o território brasileiro em 1808, Ehrenreich realizou uma pesquisa minuciosa sobre os Botocudos” (BENTIVOGLIO, 2015: 13).

Apesar de Ehrenreich não ter sido o primeiro a analisar os indígenas brasileiros, estiveram por aqui antes dele, por exemplo: Spix, Martius e Rugendas, foi o viajante que fez análises sobre os índios “primorosas, ricas em detalhes e comentários, revelando um esforço comparativo em compreender os povos americanos” (BENTIVOGLIO, 2015: 12).

Ehrenreich demonstrou dedicação extrema ao conhecimento científico do índio brasileiro. Em sua obra *Os índios Botocudos do Espírito Santo* publicada na *Revista de Etnologia*, da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e História Primitiva, em 1887 e traduzida apenas recentemente, ele realiza descrições etnográficas, como ainda trabalhos etnológicos e lingüísticos. “Com efeito, Ehrenreich corrige inclusive as imperfeições e erros de estudos sobre os Botocudos que foram feitas por viajantes que o antecederam” (BENTIVOGLIO, 2015: 12).

Acompanhado pelo geógrafo alemão Peter Vogel, Ehrenreich separa-se de Von den Steinen e visita onze povoados e sete tribos diferentes, realizando medições corporais dos indígenas encontrados e recolhendo material lingüístico. E em 1887 foi nomeado sócio correspondente da sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e, mais tarde, em 1907, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro lhe confere idêntica distinção confirmando tamanha importância de suas contribuições científicas para o Brasil.

Levy Rocha em 1971 foi o pioneiro no assunto dos relatos de viajantes estrangeiros ao publicar o livro *Viajantes estrangeiros no Espírito Santo*. Ele cita vários nomes de estrangeiros que estiveram em terras capixabas inclusive o de Paul Ehrenreich. Mas, sobre este, sua descrição é sucinta expondo sobre o interesse de Ehrenreich nos Botocudos do Rio Doce e sobre uma notícia de jornal:

“O jornal O CACHOEIRANO (edição de 8-2-1885), ao registrar a passagem do naturalista que “apesar de ainda moço, já contava uma viagem ao Polo Norte, pela vila de Cachoeiro de Itapemirim, com o objetivo de colecionar “objetos antropológicos”, acrescentava: “Tendo já feito uma longa excursão pelo vale do Rio Doce, indo até o Pôrto de Souza, pretende SS. daqui seguir para o Rio Pardo, S. Manuel e Manhauçu e de lá para o Guandu”” (BENTIVOGLIO, 2015: 13).

À época do livro de Levy Rocha, a obra de Paul Ehrenreich ainda não havia sido traduzida como já dito anteriormente, o texto foi traduzido apenas recentemente em trabalho organizado pelo professor Julio César Bentivoglio e nos servirá como aporte para inserir os Botocudos no conhecimento histórico e científico.

Para analisarmos a narrativa de Ehrenreich, buscamos compreender o modo como certas verdades, discursos sobre a história do Espírito Santo foram construídas. Desta forma, para entendermos como essas verdades se conceberam, torna-se necessário os questionamentos de Foucault (1972) sobre o tratamento dos documentos. Segundo Foucault (1972), a nova história trouxe novos paradigmas, e também conseqüências para a história. Antes a história estava focada na história das rupturas. A crítica do documento tinha como objetivo reconstituir “o passado de que emanam e que se dilui” (FOUCAULT, 1972: 13). Assim, o documento era tratado como a linguagem de uma voz agora reduzida ao silêncio.

Entretanto, a história modificou sua posição em relação ao documento:

“Ela se dá por tarefa primeira, nem tanto interpretá-lo, nem tanto determinar se ele diz a verdade e qual o seu valor expressivo, mas sim trabalhá-lo no interior e elaborá-lo: ela o organiza, recorta-o, distribui-o, ordena-o, reparte-o em níveis, estabelece séries, distingue o que é pertinente do que não é, delimita elementos, define unidades, descreve relações. O documento, pois, não é mais para a história essa matéria inerte através do qual ela tenta reconstruir o que os homens fizeram ou disseram, o que é passado e do qual apenas permanece o rastro: ela procura definir, no próprio tecido documental das unidades, conjuntos, séries, relações” (FOUCAULT, 1972: 13-14).

A história voltou-se para a arqueologia, para a descrição do documento. Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento. O tempo é aí concebido em termos de totalização e as revoluções jamais passam aí de tomadas de consciência (FOUCAULT, 1972: 21). A problematização é necessária para que se possa dizer o que é e o que não é legítimo, aquilo que não pode mais ser admitido, assim como apontar quais são os problemas e as questões que podem ser colocados. Entender como se deu a construção do discurso;

Trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e na singularidade de seu acontecimento; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa, de estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar por que outras formas de enunciação exclui (FOUCAULT, 1972: 39).

Ehrenreich, como muitos daqueles viajantes, tinha uma formação acadêmica, voltada para a história natural, a medicina e a etnologia. Assim, escrevia uma outra história sobre o novo mundo (BENTIVOGLIO, 2015: 14). Seu relato busca produzir um estudo científico, desta maneira podemos dispor de várias referências e informações geográficas, naturalísticas e etnográficas.

Os documentos dessa história nova não são outras palavras, textos ou arquivos, mas espaços claros onde as coisas se justapõem: herbários, coleções, jardins; o lugar dessa história é um retângulo intemporal, onde, despojados de todo o comentário, de toda linguagem circundante, os seres se apresentam uns ao lado dos outros, com suas superfícies visíveis, aproximados segundo seus traços comuns (FOUCAULT, 1999: 179).

Deste modo, por meio do relato de Paul Ehrenreich – falecido em 14 de abril de 1914 em sua terra natal Berlim, aos 59 anos onde atuava ainda como professor livre-docente de antropologia pela Universidade de Berlim, busca-se compreender as construções acerca do Espírito Santo no século XIX e dos índios Botocudos.

VIAJANTES ESTRANGEIROS EM TERRAS CAPIXABAS

No decorrer do século XIX o Espírito Santo recebeu a visita de vários viajantes estrangeiros, tais como Grigory Ivanovitch Langsdorff, Auguste de Saint-Hilaire, o príncipe Maximiliano de Neuwied, Jean-Jacques de Tschudi, Auguste François Biard, entre outros. Essas visitas rendiam diversos relatórios de viagem e hoje podemos dispor de livros como: *Viajantes*

Estrangeiros no Espírito Santo e Viagens de Pedro II ao Espírito Santo ambos de Levy Rocha, *Viagem à província do Espírito Santo* de Auguste François Biard, *Viagem ao Brasil* do Príncipe de Wied-Neuwied Maximiliano, *Viagem ao Espírito Santo 1888* da Princesa Teresa da Baviera, dentre outros que tratam dos viajantes estrangeiros.

No contexto da vinda da Corte Portuguesa para o Brasil no ano de 1808 e todas as condições criadas para a sua estadia em território brasileiro, várias pessoas como: missionários religiosos, cientistas, diplomatas, artistas, técnicos, comerciantes e intelectuais foram atraídos para o Brasil. Os índios, em especial os Botocudos³ que iremos analisar, exerciam grande fascínio sobre os viajantes estrangeiros.

Tal fato pode ser entendido porque “foi no século XIX que se intensificou na Europa a busca pelo conhecimento, além da necessidade de investigar, classificar e ordenar o mundo da natureza (RIBEIRO, 2004, p. 26)”. Todavia, esses viajantes já possuíam determinada visão, certo modelo prévio do que iriam encontrar nas terras brasileiras, antes mesmo de empreender sua jornada já havia “discursos” pré-estabelecidos sobre o “Novo Mundo”.

Segundo Cezar (2005),

[...] o relato de viagem se constitui em um campo disponível aos múltiplos discursos que o percorrem e que o articulam, tais como o do antigo cosmógrafo, do geógrafo, do naturalista, do etnógrafo, do administrador e do economista, do militar, do missionário, [...] enfim, do escritos e do historiador. Cada um deles é dotado de seu próprio léxico, o que não nos impede de se cruzarem reciprocamente. Trata-se de um texto cuja condição fragmentária o torna passível de ser apreendido segundo o desejo de receptor [...] (CEZAR, 2005, P.28-29).

Se por um lado existe uma pluralidade nas formas de recepção desses textos pelos leitores, por outro, as narrativas de viagem parecem possuir um ponto comum entre elas, “[...] o conteúdo dos relatos seria uma manifestação da verdade daquilo que os viajantes viram; parece haver uma *intenção de verdade* no texto” (CEZAR, 2005, p. 29).

³ Integrantes do grupo Macro-Jê, os Botocudos são caçadores e coletores semi-nômades. A denominação se dá pelo uso comum dos botoques no lábio inferior e nas orelhas feitos pelos índios e pelas índias. A indicação de que eram canibais é controversa embora existam relatos de episódios em que teriam devorado colonos.

A apropriação do relato de Paul Ehrenreich para este estudo em história vai ao encontro do que Roger Chartier (1991) chama de virada cultural. Uma das respostas que os historiadores deram a “crise geral das ciências sociais”, citada pelos Annales em 1988, foi ainda segundo Chartier, anexar novos territórios como a etnologia, sociologia e demografia. A pesquisa que será desenvolvida pretende uma aliança desta maneira entre a história e o estudo de Ehrenreich que a princípio não fora realizado para ser utilizado por meios historiográfico e sim pelo meio científico.

BOTOCUDOS

Os viajantes e colonos que visitaram e exploraram o rio Doce espírito-santense ao longo da colonização classificaram os chamados Aimorés, Puris e Patachós como “tribos tapuias”, e a região, como “pátria dos antropófagos” (WIED-NEUWIED, 1989, p. 283). Segundo Solthey, os Aimorés do rio Doce foram considerados pelos padres jesuítas “os mais ferozes de todos os tapuias” (apud WIED-NEUWIED, 1989, p. 285).

Os Botocudos foram identificados como “ferozes” e “antropófagos” por todos os que com eles tiveram contato desde o século XVI, em função da forte resistência e belicosidade demonstrada. Assim, construiu-se uma visão que sobreviveu firmemente ao longo da colonização e acompanhou os homens que contra eles avançaram definitivamente no século XIX.

O príncipe Maximiliano identificou os Botocudos como “estranhos e feios”, aproximando sua aparência à de “monstros” (WIED-NEUWIED, 1989, p. 117). Num segundo momento, porém, o mesmo viajante – que foi o que melhor observou e descreveu esses povos - classificou os índios Botocudos como “[...] mais bem conformados e mais belos do que os das demais tribos. [...] São fortes, em regra largos de peito e espadaúdos, mas sempre bem proporcionados; mãos e pés delicados” (WIED-NEUWIED, 1989, p. 285), descrição que dá sentido às imagens que ele produziu, aproximando-os de feições idealizadas de acordo com a concepção de beleza européia.

Os Botocudos compreendiam povos organizados em subgrupos extremamente divididos, muitos deles rivais entre si. Cada grupo era comandado por um chefe, sem caráter hereditário, com escolha norteadada pela bravura demonstrada. Cabia-lhe orientações e decisões quanto a disputas internas, migrações do grupo e momentos de guerra (PARAÍSO, 1992, p. 424). Eram grupos seminômades, mas que tinham seus espaços limitados nas florestas em relação aos de outros subgrupos, principalmente no que dizia respeito às áreas de caça (WIED-NEUWIED, 1989, p. 272).

Ehrenreich também trata os Botocudos como selvagens, confirmando algumas visões de outros viajantes estrangeiros, e em certa altura do texto nos diz: [...] “Obviamente o final dessa luta não deixa muitas dúvidas. Também aqui o selvagem terá que ceder à cultura invasora [...]”. (EHRENREICH, 1887, p.05). No entanto, no decorrer do texto, afirma que os Botocudos não são tão assustadores em sua aparência e apresenta várias tabelas de medidas físicas demonstrando seu interesse científico e não apenas de curiosidade pelos indígenas. Ele ainda relaciona a nudez à falta de cultura, uma representação comum propagada pelos europeus que ainda consideravam-se superiores também por este fato. Desviado o sentido, a representação se transforma em máquinas de fabricar respeito e submissão (CHARTIER, 1991, p.185).

O conceito de representação trabalhado em Roger Chartier considera desta forma que a leitura é uma prática quase sempre encarnada em gestos, espaços e hábitos e nos ajuda a repensar a maneira como os indígenas foram vistos ao decorrer do tempo e construídos socialmente.

Uma das possibilidades historiográficas que a abordagem dos relatos propicia é a cultura material. É necessário relembrar a procedência exterior dos viajantes. Estes homens eram comuns a outros meios materiais e culturais, diferentes dos encontrados em viagem. A observação de uma cultura material diferente a que lhe era comum lhe possibilitou certa atenção a este aspecto. A cultura material, se bem interpretada, tem muito a revelar sobre o funcionamento de uma dada sociedade. Ela pode esclarecer, para além dos valores estéticos, os meios pelo qual uma sociedade se relaciona e adapta ao ambiente em que vive. Desse modo percebe-se não somente as ações do homem atuando no meio em que vive, mas também o inverso. Segundo Foucault (1990), foi no século XIX que surgiram discursos que buscavam a objetividade e a preocupação de instaurar inventários, arquivos, catálogos, repertório na tentativa de redigir uma história “verdadeira” (FOUCAULT, 1990: 147). Uma escrita

sistemática, que possuía um método e uma estrutura induzindo a totalidade a partir de suas partes. As palavras deveriam ser interrogadas a partir de seus valores representativos, como elementos virtuais do discurso que prescrevem a elas uma mesma maneira de ser.

O que se requeria desses discursos, como os comentários do que relatavam os viajantes, era a possibilidade de falar sobre eles, interpretá-los. A essência da literatura poderia ser atingida interrogando-a tanto no nível da fala quanto em sua forma significante. Buscava-se entender a linguagem a partir dela mesma.

O modo que o passado do Espírito Santo surge no relato de Ehrenreich e o modo como ele e a História feita sobre seu relato construíram determinados discursos e verdades, tornando-se possível desta maneira deslindar novas possibilidades de análise e compreensão.

Para Foucault, um discurso é conceituado como uma rede de signos que se conecta a outras tantas redes de outros discursos, em um sistema aberto, e que registra, estabelece e reproduz não significados esperados no interior do próprio discurso, mas sim valores desta sociedade que devem ser perpetuados. O discurso deixa de ser a representação de sentidos pelo que se debate ou se luta e passa a ser, ele mesmo, o objeto de desejo que se busca, dando-lhe, assim, o seu poder intrínseco de reprodução e dominação.

“O discurso nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca, no terceiro, e essa troca, essa leitura e essa escritura jamais põem em jogo senão os signos. O discurso se anula assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante.” (FOUCAULT, 2010: 49).

Desta forma, o discurso que os relatos de viagens traziam não era a representação simbólica do mundo ou de uma realidade exterior e universal.

CONCLUSÃO

Os relatos de viajantes europeus sobre o Novo Mundo, no século XIX, orientavam-se pela ciência, pela experiência social do grupo de origem do viajante e pela própria experiência da viagem. Ou seja, pela percepção do desconhecido, da alteridade e do diferente. Afinal, foram

os relatos escritos por estes homens que produziram na Europa as representações sociais e geográficas sobre o Brasil do século XIX. Para Chartier, “os autores não escrevem livros: não escrevem textos que outros transformam em objetos impressos” (CHARTIER, 1991: 182).

A propagação de “visões do Brasil” em território europeu se deu via publicação das escritas de viagem. “Interesses de ordem econômica, pendores filosóficos, predileções exóticas, a insatisfação com a realidade social e a ânsia de fuga para algo melhor, tudo se reflete na imagem européia da América, e, portanto, do Brasil” (HOLANDA, 1985: 40).

Estes relatos de viagem são documentos históricos de grande importância para o conhecimento da história do Brasil, e também do Espírito Santo, especialmente por permitir compreender as construções de discursos sobre o Brasil do século XIX que se perpetuaram tanto aqui como na Europa.

Os relatos dos viajantes eram usados não somente como fontes, mas sobretudo como espelhos do real. Várias passagens e trechos eram aproveitados e reproduzidos como se fossem expressão da verdade (BENTIVOGLIO, 2013: 9). Os Botocudos segundo relatos de Maximilian Wied-Neuwied e Auguste Saint-Hilaire, eram seres desprovidos de inteligência além de serem considerados seres abomináveis e antropófagos e esta imagem perdurou por muito tempo no imaginário europeu.

Intentamos que a análise da escrita dos viajantes estrangeiros como foco de análise, e não como fonte complementar, se faz válida pelo uso constante dessas fontes pelos historiadores e, também, pelas múltiplas possibilidades historiográficas que estas proporcionam.

FONTES:

EHRENREICH, Paul. *Sobre os Botocudos das Províncias Brasileiras Espírito Santo e Minas Gerais*. Org. Julio Bentivoglio. Vitória, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1) Obras de referência

BAHIENSE, Norbertino. **Os limites do Espírito Santo na vez da história**. S.l., 1947.

BITTENCOURT, Gabriel Augusto de Mello. **História geral e econômica do Espírito Santo: do engenho colonial ao complexo fabril-portuário**. Vitória: [s.n.], 2006.

CEZAR, T. Entre antigos e modernos: a escrita da história em Chateaubriand. Ensaio sobre historiografia e relato de viagem. In: **ALMANACK BRAZILIENSE**. São Paulo, nº11, p.26-33, mai. 2010. Disponível em: <http://www.almanack.usp.br/PDFS/11/AB-11_Sc_1_Forum_02.pdf> Acesso em: 23 de jan. de 2013.

DAEMON, Basílio Carvalho. **História, descoberta e estatística da Província do Espírito Santo**. Vitória: Typografia Espírito Santense, 1879.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **História do Espírito Santo**. Vitória: Fundação Cultural do Espírito Santo, 1975.

ROCHA, Levy. **Viajantes estrangeiros no Espírito Santo**. Brasília: Editora de Brasília, 1971.

ROCHA, Levy. **Viagem de Pedro II ao Espírito Santo**. 2. ed. - Rio de Janeiro: Revista Continente; Brasília: INL, 1980.

2) Livros de Viajantes

BARREIRO, J. C. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BAVIERA, Princesa Teresa da. **Viagem pelo Espírito Santo (1888)**. Tradução e notas de Sara Baldus; organização e notas de Julio Bentivoglio. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2013.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. **O Brasil dos viajantes**. São Paulo: Metalivros, 1994.

BELLUZZO, Ana Maria de Moraes. A propósito d'o Brasil dos viajantes. In: **REVISTA USP**. São Paulo, n.º. 30, 1996, pp. 8-19.

BIARD, Francisco Augusto. **Dois anos do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.

BIARD, Auguste François. **Viagem à província do Espírito Santo**. Vitória/Aracruz Celulose: Fundação Jônice Tristão.

LEITE, Ilka B. **Antropologia da Viagem: Escravos e Libertos em Minas Gerais no Século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Livros de viagem: 1803/1900**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.

MAXIMILIANO, Príncipe de Wied-Neuwied. **Viagem ao Brasil**. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1989.

RIBEIRO, José Eustáquio. **Viagens, viajante e livros de viagem: Goiás na primeira metade do século XIX (1812-1850)**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho": Franca, 2004.

SPIX e MARTIUS. **Viagem pelo Brasil (1817-1820)**. Vol. I. 2ªed. São Paulo: Melhoramentos, 1980.

3) Obras sobre os botocudos

DUARTE, Regina Horta, (org). **Notícias sobre os selvagens do Mucuri**. Belo Horizonte: EDUFMG, 2002.

MARCATO, Sonia de Almeida. **A repressão contra os botocudos em Minas Gerais**. Brasília: Fundação Nacional do Índio, 1979.

MARINATO, Francieli Aparecida. **Índios imperiais: os Botocudos, os militares e a colonização do Rio Doce (Espírito Santo, 1824-1845)**. Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, 2007.

MATTOS, Izabel Missagia de. **Civilização e revolta**: os Botocudos e a catequese na província de Minas. Bauru, SP: EDUSC; São Paulo: ANPOCS, 2004.

MOREIRA, Vânia Maria. **1808**: a guerra contra os botocudos e a recomposição do império português nos trópicos. In: CARDOSO, José Luís; MONTEIRO, Nuno Gonçalo; SERRÃO, José vicente (Orgs.). **Portugal, Brasil e a Europa napoleônica**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010.

SILVA, Tarcísio Glauco da. **Junta de civilização e conquista dos índios e navegação do Rio Doce**: fronteiras, apropriação de espaços e conflitos (1808-1814). Dissertação de Mestrado, Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, 2006.

VIEIRA, Francisco Alcides Nunes; PEREIRA, Valter Pires. **Um navio sinistrado e Caboclo Bernardo**: herói nacional. Monografia (Especialização) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Estudos Gerais, Departamento de História, 2000.

4) Bibliografia Geral

ALBURQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. São Paulo: EDUSC, 2007.

CERTEAU, Michel. A operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: práticas e representações. São Paulo: Bertrand Brasil, 1992.

_____. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, São Paulo, n. 11, v. 5, p. 173-191, 1991.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1972.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.

_____. **As palavras e as coisas:** uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GONÇALVES DIAS. **Dicionário da Língua Tupi:** chamada língua geral dos indígenas do Brasil. Rio de Janeiro: s.n., 1858.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. (org.). **História Geral da Civilização Brasileira – Brasil monárquico:** o progresso de emancipação. Vol.1. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1985.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do paraíso:** os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Guia para normalização de referências bibliográficas: NBR 6023: 2002** . 3 ed. Vitória: A Biblioteca, 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO. Biblioteca Central. **Normalização e apresentação de trabalhos científicos e acadêmicos: guia para alunos, professores e pesquisadores da UFES.** 7 ed. Vitória: A Biblioteca, 2005.

